

DOZE

Maria Teresa fuma um cigarro atrás do outro, apreensiva e ansiosa. Deseja sair dali o mais rápido possível. Tem um tique que não a deixa quieta: mexe a perna direita sem parar. Sobre o colo, balança a bolsa vermelha sangue – que combina com o vestido vinho de tecido pesado, quente. Em sua cabeça, repete “quero ir embora, quero ir embora, quero ir embora”, como se acreditasse que as frases têm o poder de se tornar realidade. Sente-se oprimida pelo ambiente e por toda aquela situação. Não sabe como agir, está acuada e tem noção disso, mas não consegue se controlar. Está perdida dentro dos seus próprios medos.

Ao seu lado, na decrepita sala de depoimentos da delegacia, está o advogado da família, Adolfo Rosenbaum. Careca, óculos quadrados de aros grossos, bigodes gris e escassos. Ele gosta de falar sobre como trataria (“com a morte”) todos os criminosos do mundo. Acredita que assim resolveria o problema da criminalidade. Um sujeito por quem Tetê não nutre simpatias, mas que vive na sua família há gerações, e que era associado, em sua cabeça, a situações escabrosas.

Após uma eternidade, na percepção de Tetê, entra, junto com a datilógrafa, um Carlos Xavier ofegante, mascando chiclete, com a camisa de botões de mangas curtas aberta até quase o meio do peito e a pele morena suada. Era a figuração viva do clichê do detetive no imaginário popular. Xavier não reparou nisso, Tetê, sim. Ela olhou para ele com um misto de aversão e curiosidade. Não aguentava tanta vulgaridade, tanta falta de estilo numa pessoa só, mas esse traço popularesco também aguçou a sua imaginação. Reparou na camisa barata, esgarçada, com as cores esmaecidas. O fino cordão com o pingente em formato de cruz. Reparou no pedaço superior do peito nu, sem pelos. Conferiu o suor escorrendo, besuntando o corpo dele, a testa, o pescoço, o tronco. Imaginou Xavier sem camisa. Era gordo, preto, pobre. Era distante de tudo aquilo que ela tinha conhecido. Era horrível, não tinha por que ficar pensando nele. Mas pensava.

- Desculpa pela demora. Estava copiando esses documentos, mas a máquina daqui quebrou. Então, tive que ir do outro lado da... Bem. Esta é Jussara. Ela vai anotar tudo o que for dito nesta sala.

Tetê se mexe na cadeira. Tenta respirar profundamente. Sai da sua imaginação com um frio nas entranhas e volta para o mundo físico. Volta a balançar a perna instintivamente.

- Chamei-a aqui por motivos óbvios – Xavier fala olhando diretamente para os olhos dela, que fica hipnotizada. – A senhora disse que Otávio Oliveira de Carvalho, seu filho, cometeu suicídio. Gostaria que a senhora me explicasse por que a senhora acha que ele teve essa atitude.

O detetive pronuncia todas as palavras com calma. Mas o ar está pesado. Sobre todas as cabeças o ventilador gira lentamente. O lugar é quente e abafado. Um calor que dá dor de cabeça, deixa o pensamento confuso e pesa nas costas. Maria Teresa mexe a perna e leva o cigarro à boca sem parar, olhando para o lado, para a única janela do ambiente, gradeada, que dá para uma série de prédios. Ela pisca uma, duas vezes, tenta melhorar o que está vendo, mas tudo é nebuloso. Seu campo de visão diminui, não enxerga nada além de um foco único de luz, à sua frente. Levanta-se em direção à janela. É como uma esperança. O ar, o céu azul, sem nuvens.

- Tudo parece tão mais fácil lá – pensa em voz não muito alta e começa a depor, primeiro virada para a parede, olhando a pintura branca, mal feita, sobre camadas e camadas de tempo engessado. – Conheço meu filho. Eu o vi crescer. Era um menininho quando Osvaldo morreu. Eu o criei sozinha. Tenho essas intuições, sei porque sei que ele fez isso –se vira e continua, um pouco mais confiante. - Depois que Osvaldo morreu, não pude ser tão presente. Foi uma época muito confusa. Acho que não soube lidar bem com o problema. Tudo para mim era estranho. Para ele também devia ser, também era. Eu acho que ele se sentiu muito culpado por tudo. Ele ficou abandonado e se sentiu dessa forma. Eu o acompanhei sem fazer nada, foi se tornando mais e mais sozinho. Se isolou do resto do mundo. Não adiantou, depois, eu tentar alguma coisa. Não adiantou. O passo seguinte era esse. Eu tinha medo, mas eu sabia. Eu me sentia mal, e não tinha nada que eu poderia fazer. Porque eu fiz, eu fiz tudo o que eu sabia, o que eu podia. Terapeutas, psiquiatras, mas ele nunca me escutou. Ele não queria se ajudar. Ele não queria se ajudar...

- Entendo o que a senhora sente – o detetive pigarreia, não levanta a voz, tenta achar um tom reconfortante, voltar para o assunto principal. - Já vi coisas inexplicáveis acontecerem, pode acreditar, mas não posso apresentar isso para o juiz, entende? – tentando fazê-la se contradizer. - Eu preciso de evidências – tenta controlar o tom para parecer carinhoso, amigo, familiar. - Preciso de algo concreto para que o caso vá para frente. Suposições não são muito bem recebidas no tribunal.

A última frase sai sem que pudesse controlar. Ela se vira automaticamente, os olhos estão duros, as pupilas dilatadas, as pálpebras abertas, as sobrancelhas levantadas. O peito arfa e desincha com força.

- Não é uma suposição. O senhor gosta de ler? – O detetive fica impassível, empalidece, não sabe o que responder. Sente-se atingido. A pergunta taxiava entre o preconceito e o conselho. Um azedume brota em sua boca e tem vontade de cuspir, mas engole a seco. Sente um gosto estranho, venenoso. Ela continua:

- Está claro que ele era um sujeito extremamente sensível. Não aguentou a barra. Desistiu. Deu várias indicações antes. O livro dele mostra isso.

O detetive bafreja como se estivesse fumando. Sente-se cansado. Acha que não vai conseguir demovê-la da ideia do suicídio. Está fixa. Percebe que o seu caso está afundando. Tenta a última cartada.

- Entendo... Otávio... ele já teve algum impulso suicida antes?

Ela fala como se chorasse pela boca. O nervosismo cresce, fica vermelha. As palavras se atropelam. Uma atrás da outra, juntas, unidas, sem separação. Perde completamente o controle.

- Quando Osvaldo morreu, ele ficou muito pra baixo. Acho que pensou até em se matar. Mas tava tão pra baixo que não teve força. Até pra se matar cê tem que ter força. Nem pra isso ele tinha.

- Vocês tentaram ajudá-lo? – o detetive emenda, empolgado, ela bufa. Diminui a marcha, sente um peso se apoderar dos seus ombros. Algo que ela sempre soube esconder, empurrar para debaixo da garganta, aprisionar no estômago, corrói suas entranhas, mas que ninguém, do lado de fora via. Era só dela, sabia onde doía, mas podia esconder. Era dela, só dela, a culpa era só dela, ninguém poderia saber disso. Porque ela não era mulher de sofrer por qualquer coisa. Ela aguentava. Mas agora, a dor está saindo, sem que ela controle, ou perceba. Sai do estômago, sobe pelo esôfago queimando, como ácido, se espalha pelas costas, pesa os ombros.

- Como eu lhe disse, foi uma época ruim para mim. - Ela fala em voz inaudível, abaixa a cabeça. Sente-se derrotada. - Muito ruim. Eu mal conseguia tomar conta de mim, se é que eu tomava. Não podia, não conseguia, não dava. Eu quase não via Otávio. Admito que estávamos bem distantes.

- Você não se sente responsável por isso? Quero dizer, porque você era a mãe e não fez nada para evitar...

- Você não precisa responder isso – diz o advogado, sem se mexer, como se fosse uma múmia, na única intervenção em todo o diálogo. Uma figura invisível naquele ambiente apertado.

- Ele também não queria me ver -, ela o interrompe, antes que continuasse o exorcismo, antes que fosse pregada em uma cruz, antes que mais pedras caíssem em sua cabeça. Dá a cara para o soco, com coragem, mas interrompe os demais golpes. Sente-se mal, duramente mal. A cabeça pesa mais que nunca. A visão escurece. A perna, imóvel como uma pedra, é o símbolo da derrota. Mas ela não desiste. Respira uma, duas, três vezes, tenta dar a volta, modificar o assunto.

- Você não precisa responder isso – repete o advogado, tentando aparecer novamente, mas ela o ignora, e continua a conversar com o investigador. Era dolorido, mas tinha que ser assim.

- Era recíproco. Otávio sempre foi muito fechado. Não gostava de conversar muito. Agora sei que ele era um gênio. Um escritor que vai ficar para sempre na história. Vamos lembrá-lo por gerações. Você vai ver. Meu filho é o maior escritor dos últimos anos.

A perna volta a tremer. Ela expulsa a fumaça dos pulmões com força, raiva. Os olhos de Xavier e de Tetê mantêm-se conectados, desviando-se de tempos em tempos apenas para se recuperarem do último golpe. É uma relação sádica, que Tetê sabe bem como funciona e gosta.